

— — — — — TODA A — — — — —  
**MAFALDA**



# ÍNDICE

Mafalda: uma heroína do nosso tempo, por Umberto Eco	5
Quinoterapia, por Gabriel Garcia Márquez	7
Biografia	11
As personagens	49
Oito da pré-história	59
As primeiras quarenta e oito	63
Uma por dia	81
Quatro por semana	95
Cinco semanas para dizer adeus	125
Todas as tiras	129
Dez livros e arredores	531
Mais Mafalda...	549
... e outros inéditos	559
O olhar dos outros	575
Os desenhos animados	599
Quino: uma autobiografia	605
Fontes e agradecimentos	607

# Mafalda: uma heroína do nosso tempo

A Mafalda não é apenas uma nova personagem de banda desenhada: é talvez a principal personagem dos anos 1970. Se o adjetivo «contestatária» foi utilizado para a definir, não foi apenas para a colocar em sintonia com a moda do inconformismo. A Mafalda é, na verdade, uma heroína irascível que rejeita o mundo tal como ele é, um mundo dominado por adultos que ela não respeita, humilha e rejeita, e com o qual mantém um permanente diálogo, reivindicando o seu direito de continuar a ser uma criança que não se quer responsabilizar por um universo adulterado pelos pais.

No que toca a política, a Mafalda tem ideias confusas: não consegue compreender o que se passa no Vietname, não sabe porque existem pobres, não confia no Estado, e a presença crescente dos chineses preocupa-a. Só há uma coisa que ela sabe claramente: que vive insatisfeita.

À sua volta, acompanha-a um pequeno grupo de personagens muito mais «unidimensionais»: Manelito, integrado num capitalismo de bairro, que não tem dúvida de que no mundo nada tem mais valor do que o dinheiro; Filipe, um sonhador tranquilo; Susanita, que sofre, inundada de felicidade, pela ânsia de se tornar mãe, entorpecida pelos seus sonhos pequeno-burgueses. E por fim os pais da Mafalda, que já têm dificuldade em aceitar a rotina diária (recorrendo ao paliativo farmacêutico «Nervo-calm») e ainda são esmagados pelo tremendo destino que os quis como guardiães da Contestatária.



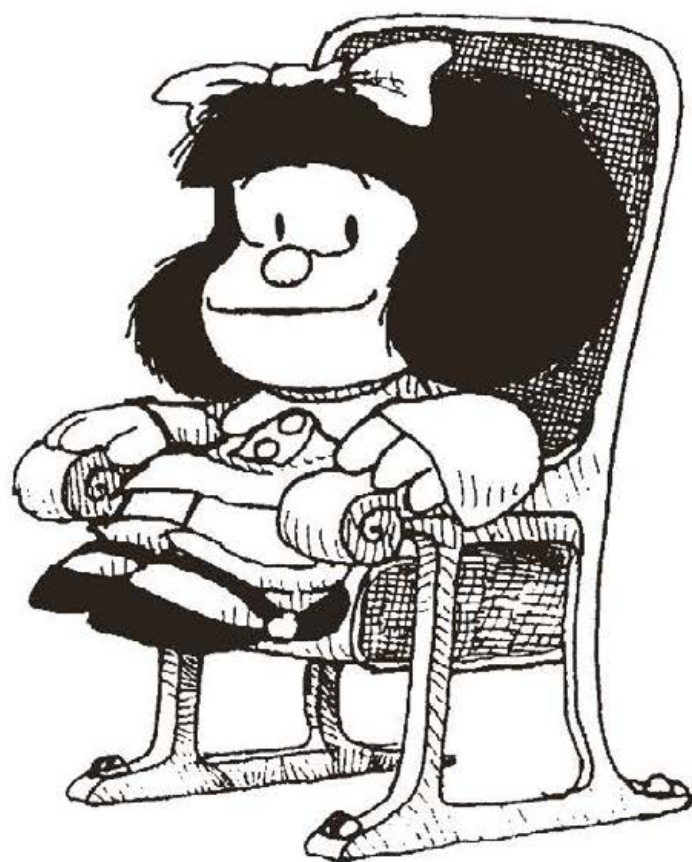
O universo da Mafalda é o de uma América Latina nas suas áreas metropolitanas mais desenvolvidas, mas é, de muitos pontos de vista, um universo latino, e isso faz com que a Mafalda nos pareça muito mais compreensível do que muitas outras personagens da banda desenhada americana; além disso, a Mafalda é, em última análise, uma «heroína do nosso tempo», e esta não parece ser uma definição exagerada para a pequena personagem de tinta e papel que Quino nos propõe.

Ninguém nega que a banda desenhada (quando alcança um certo nível de qualidade) assume o papel de questionar os costumes, e na Mafalda vemos refletidas as tendências de uma juventude inquieta, que aqui assumem a forma paradoxal de uma dissidência infantil, de um eczema psicológico resultante de uma reação aos meios de comunicação de massa, de uma urticária moral provocada pela lógica dos blocos, de uma asma intelectual causada pelo cogumelo atómico. Uma vez que os nossos filhos se vão tornar – por escolha nossa – outras tantas Mafaldas, será prudente tratarmos a Mafalda com o respeito que uma personagem real merece.

**Umberto Eco**

prefácio ao livro *Mafalda la contestataria*, Milão, Bompiani, 1968 (adaptado)

# QUINOTERAPIA



## Quimoterapia

Quino, con cada uno de sus libros, lleva ya muchos años demostrándonos que los niños son los depositarios de la sabiduría. Lo malo para el mundo es que a medida que crecen van perdiendo el uso de la razón, se les olvida en la escuela lo que sabían al nacer, se casan sin amor, trabajan por dinero, se cepullan los dientes, se cortan las uñas, y al final - convertidos en adultos miserables - no se ahogan en un vaso de agua sino en un plato de sopa. Comprobar esto en cada libro de Quino es lo que más se parece a la felicidad: la quimoterapia.

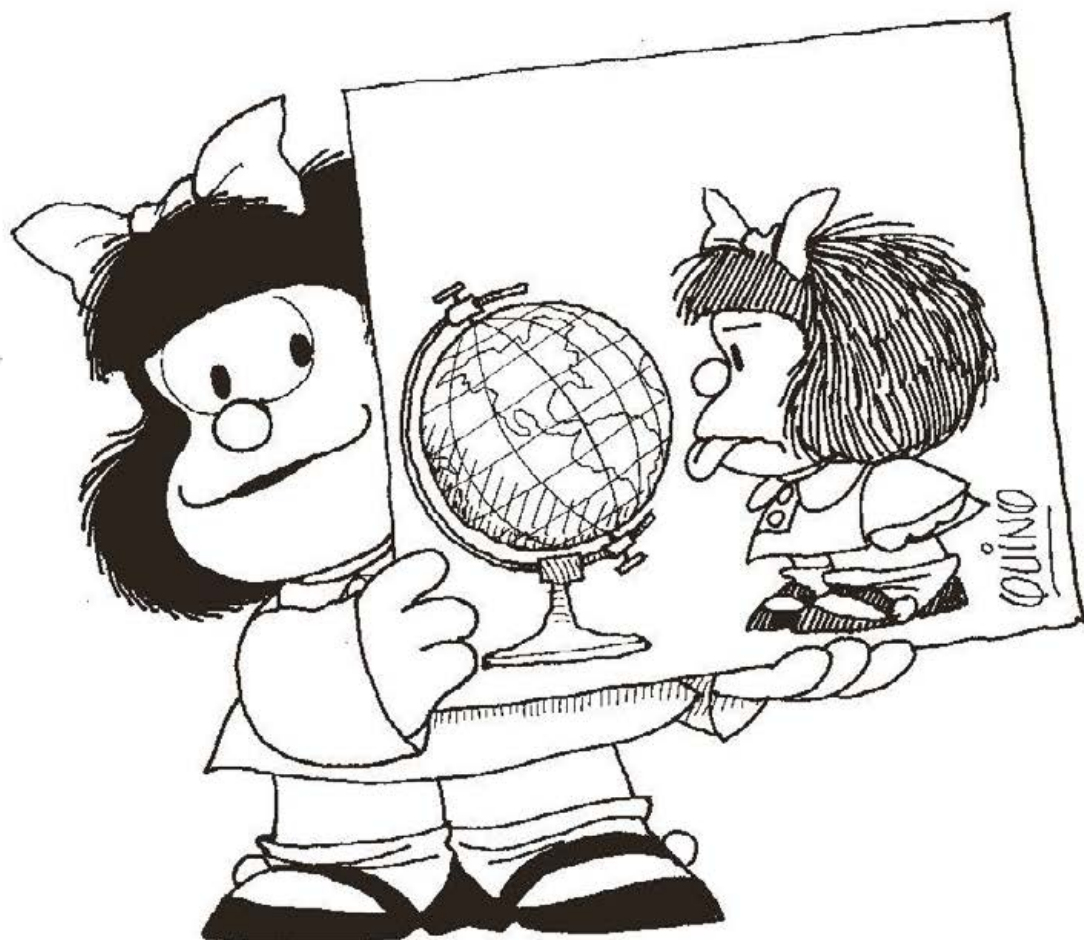
GRABU

## Quinoterapia

Em cada um dos seus livros, Quino demonstrou ao longo dos anos que as crianças são as depositárias da sabedoria. O que é triste para o mundo é que, à medida que crescem, perdem o uso da razão, esquecem na escola o que sabiam à nascença, casam-se sem amor, trabalham por dinheiro, põem os dentes a brilhar, cortam as unhas e, por fim — convertidas em adultos miseráveis —, não se afogam num copo de água, mas num prato de sopa.

Comprová-lo em cada um dos seus livros é o que mais se assemelha à felicidade: a Quinoterapia.

Gabriel García Márquez, 1992



Na página anterior, o texto original enviado por Gabriel García Márquez a um dos seus editores, a Editorial Lumen. Nesta página, acima, a respetiva tradução.

# BIOGRAFIA





## 1932

QUINO, Joaquín Salvador Lavado Tejón, filho de emigrantes da Andaluzia, nasce na cidade de Mendoza (Argentina) a 17 de julho, embora no registo oficial figure a data de 17 de agosto. A família tratava-o por Quino para se distinguir do seu tio Joaquín Tejón, pintor e desenhador publicitário, graças a quem, com apenas 3 anos, descobriu a sua vocação.

## 1939

Entra na escola primária, tem de aprender que o seu verdadeiro nome é Joaquín e vive a mesma dificuldade da sua personagem Filipe: «Angustia-vam-me imenso, nos três primeiros meses, as notas baixas; mas depois, e embora não fosse o melhor aluno da classe, acabava o ano com boas notas, o que me deixava com raiva.»

## 1945

A mãe morre, Quino termina o ensino básico e decide inscrever-se na Academia de Belas-Artes de Mendoza. Surge em Buenos Aires a revista *Rico Tipo*, na qual Quino sonha vir a colaborar.

## 1948

Morre o seu pai.

## 1949

«Farto de desenhar ânforas e estátuas de gesso», abandona a Academia de Belas-Artes. Pensa numa única profissão possível: desenhador de BD e humorista.

## 1950

Consegue vender a sua primeira banda desenhada. «Lembro-me de que era para uma loja de tecidos de seda e que se chamava Sedalina. Mas prefiro não tentar recordar-me de como era essa publicidade, porque decerto envergonhar-me-ei.»



Quino com 3 anos, no pátio de casa.



### 1951

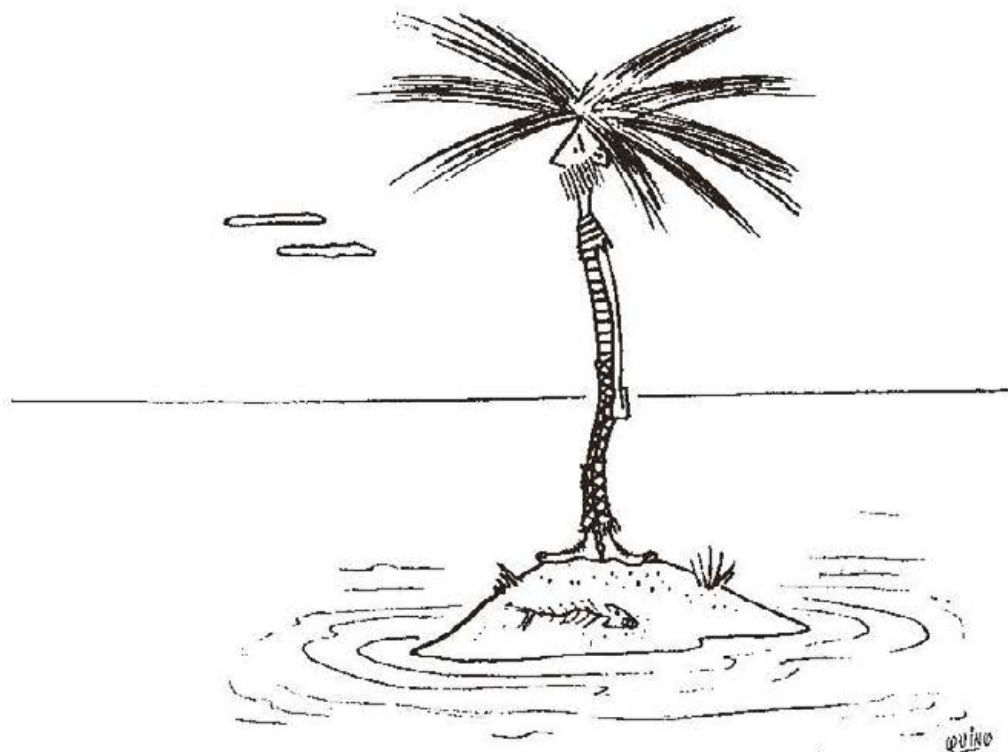
Quino desloca-se a Buenos Aires e visita todas as redações de jornais e revistas possíveis. Três semanas mais tarde, regressa a Mendoza sem ter conseguido obter qualquer trabalho.

### 1953

É o ano do serviço militar, outro motivo para se sentir terrivelmente angustiado. «Pensava que jamais sairia vivo dali e tinha vontade de matar toda a gente. Mas conviver com rapazes de diversos estratos sociais... teve em mim um impacto muito grande, enriqueceu-me. Comecei a desenhar coisas diferentes.»

### 1954

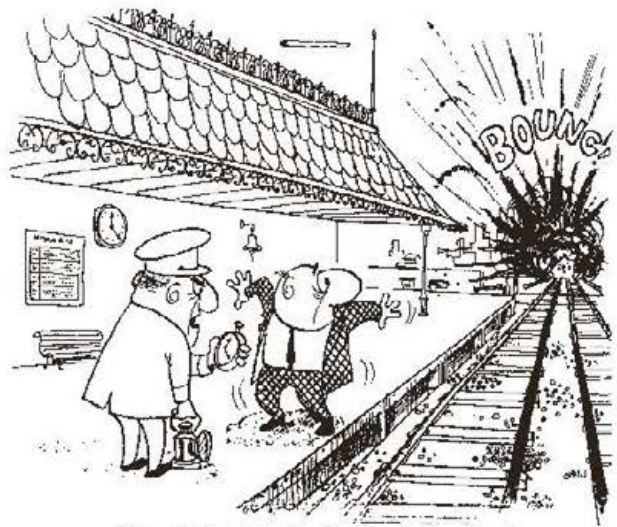
Muda-se para Buenos Aires. Continua a percorrer as redações: «Sofri muito, pois vivia em condições muito precárias. Partilhava o quarto de uma pensão com outros três indivíduos.» O semanário *Esto Es*, de Buenos Aires, publica a 9 de novembro a sua primeira página de *cartoons*, a qual passará a alternar semanalmente com outro desenhador: Carlos Garaycochea. «O dia em que publicaram a minha primeira página foi o dia mais feliz da minha vida.» A partir desse ano, passaria a ser editado em várias publicações: *Vea y Lea*, *Leoplán*, *Damas y Damitas*, *TV Guía*, *Usted*, *Che*, *Panorama*, *Allánida*, *Adán*, o diário *Democracia*. Desde então e até aos dias de hoje, os seus desenhos humorísticos foram ininterruptamente publicados num sem-número de jornais e revistas da América Latina à Europa.



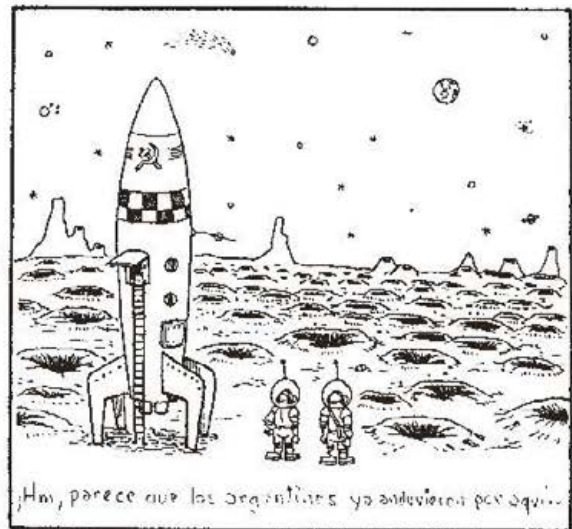
*Esto Es*, 9 de novembro de 1954.

1957

Atinge um dos seus objetivos de desenhador: publicar regularmente na *Rico Tipo*, uma emblemática revista dos anos 40 e 50, dirigida por Guillermo Divito, na qual colaboravam autores de renome como Alejandro Del Prado (Calé), Oscar Conti (Oski), Carlos Warnes (César Bruto) e Miguel Bavio Esquiú (Juan Mondiola). Foi o próprio diretor quem pediu a Quino que acompanhasse os seus desenhos com um texto. Publicará também em *Dr. Merengue* e *Tía Vicenta*.



—Pero ¡qué barbaridad! Hoy la bomba de las 12.10 trae 15 minutos de retraso...



Vinheta publicada em *Tía Vicenta*.

## 1958

Inicia-se na publicidade, o que continua a fazer até aos anos 70, realizando campanhas para marcas como a *Gillette*, *Manhattan* e *Atlantida*, e colaborando com o jornal *Clarín*, onde viria a publicar os seus trabalhos humorísticos dos anos 80.



Quino fotografado por Katty Knoefler (1958).



Publicado em *Vea y Lea*, 1961.

## 1960

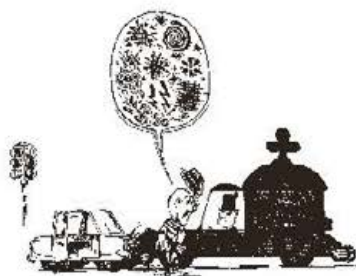
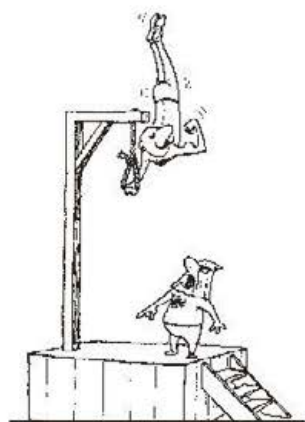
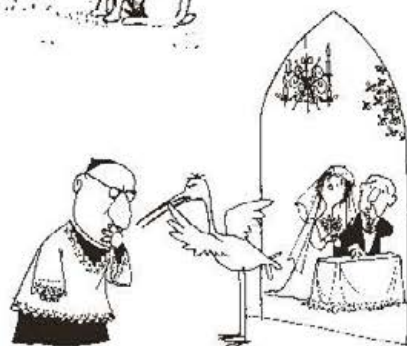
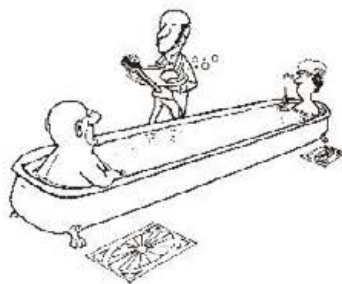
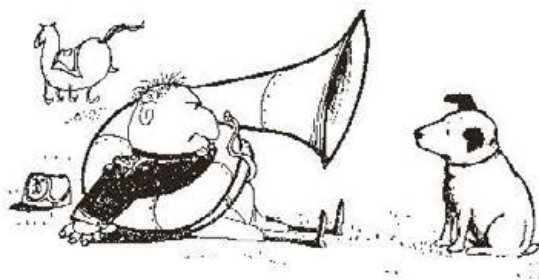
Casa com Alicia Colombo. Não têm filhos. A lua de mel no Brasil é a sua primeira viagem para fora da Argentina. É no Rio de Janeiro que entra, pela primeira vez, em contacto com colegas e editores estrangeiros.

## 1962

Primeira exposição individual de Quino numa livraria de Buenos Aires, para a qual realiza expressamente alguns desenhos.

## 1963

Surge o seu primeiro livro, *Mundo Quino* (cujo título é uma paródia ao do filme italiano *Mondo Cane*, de Gualtiero Jacopetti e Franco Prosperi). Trata-se de uma recolha de desenhos sem palavras, com prefácio de Miguel Brascó. O mesmo Brascó apresenta-o à Agens Publicidad, onde procuram um desenhador que crie uma tira «na linha de Blondie e Peanuts» para publicitar o lançamento de uma linha de eletrodomésticos chamada Mansfield, razão pela qual o nome de algumas personagens devem começar pela letra «M» (e daí Mafalda). A Agens não a utilizará para a campanha, mas Quino ficará com algumas tiras.



TV Guía, 7 de agosto de 1963.

## 1964

Vários estudos coincidem em afirmar que no início dos anos 60 se fecha o ciclo de ouro da banda desenhada argentina. No entanto, e paradoxalmente, neste contexto de crise nascem dois produtos emblemáticos para o seu género: *Mort Cinder* (de Héctor Germán Oesterheld e Alberto Breccia) e *Mafalda*, de Quino.

Para a campanha de eletrodomésticos Mansfield, Quino tinha efetuado seis tiras, três das quais foram publicadas no *Gregorio*, suplemento humorístico da revista *Leoplán*. A 29 de setembro, a Mafalda, os seus pais e os seus amigos «mudam-se» para o semanário *Primera Plana*, de Buenos Aires, que começa a publicar a tira regularmente.

Nesse ano, a Argentina é governada por Arturo Illia; os Beatles passam a fazer parte do *ranking* internacional da música; a Organização para a Libertação da Palestina é fundada; estende-se a adesão dos países americanos ao boicote dos Estados Unidos contra Cuba e a Comissão Warren torna pública a versão oficial sobre o assassinio do presidente John Kennedy; Martin Luther King é indicado para o Prémio Nobel da Paz, enquanto o filósofo Jean-Paul Sartre não sabe ainda que será galardoado com o Nobel da Literatura.

### 1965

A ligação ao semanário *Primera Plana* termina a 9 de março. A Mafalda passa para o diário *El Mundo*.

### 1966

O editor Jorge Álvarez publica o primeiro livro da Mafalda, uma compilação das tiras já publicadas em jornais. Estávamos no Natal e, em dois dias, esgota-se a primeira tiragem de cinco mil exemplares.

É o início do «fenómeno Mafalda»: nos dezoito anos que se seguem, os dez livros originais em língua espanhola terão tiragens de milhares de cópias. A Mafalda atravessa então as fronteiras da Argentina e começa a ser publicada em vários países sul-americanos.

## MARCACIÓN



Publicação no *Sport Ilustrado*, 1965.



**«A leitura da Mafalda deveria ser obrigatória nas escolas,  
mas não nas primárias, e sim nas universidades.»**

**JOSÉ SARAMAGO**

Entre no universo do genial Quino e da sua mais icónica personagem com esta nova edição de *Toda a Mafalda*.

Inconformada, única e inesquecível, a Mafalda é uma irreverente criança de seis anos dotada de uma personalidade forte e de uma mente inquisidora, com um olhar crítico sobre as complexidades e contradições do mundo em que vive e uma obstinação em não fechar os olhos — e a boca! Defensora dos direitos humanos, a Mafalda opõe-se sagazmente às guerras, injustiças e desigualdades. E, acima de tudo, luta por que se acabe com a sopa no mundo, e com a prepotência de quem a quer impor.

*Toda a Mafalda* é a edição completa que reúne todos os desenhos e tiras que Quino, o seu brilhante criador, fez da sua personagem mais querida. Com prefácio de Umberto Eco, que considera a Mafalda «a heroína do nosso tempo», esta edição inclui uma contextualização histórica das tiras, homenagens de personalidades internacionais e portuguesas do mundo das artes e do espetáculo, entre outros materiais inéditos, que nos mostram que, após sessenta anos, as observações ousadas e perspicazes da Mafalda continuam tão pertinentes como nunca.

---

«Mafalda, uma criança que deveria ser considerada  
Património da Humanidade.»

**EL PAÍS**

---



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)  
@ penguinlivros

ISBN 9789895832415



9 789895 832415 >